
LER, CRESCER, ENVELHECER: UMA PROPOSTA DE LEITURA DE O FAZEDOR DE VELHOS, DE RODRIGO LACERDA

Read, grow up, get old: reading Rodrigo Lacerda's *O fazedor de velhos*

Agatha Camila Ferreira Araujo¹
Silvana Augusta Barbosa Carrijo²

RESUMO: Ao procedermos por uma construção epistemológica do subsistema literário juvenil, busca-se, no presente artigo, tecer uma análise do romance *O fazedor de velhos*, de Rodrigo Lacerda (2008). Partindo do pressuposto de que envelhecer implica amadurecer, o ato da leitura literária possibilita conhecimento e experiências nas escolhas a serem feitas perante a juventude. Observam-se aspectos como: intertextualidade e formação leitora, questões relacionadas à função da leitura, como a busca pelos sentidos da vida e a articulação do processo de crescimento e amadurecimento do personagem leitor. Intenta-se, pois, neste trabalho, propiciar uma leitura referente ao protagonismo leitor na narrativa juvenil em questão.

PALAVRAS-CHAVES: Literatura; Juvenil; *O Fazedor de Velhos*; romance de formação; leitura literária.

ABSTRACT: This paper aims to present an analysis of Rodrigo Lacerda's *O fazedor de velhos* (2008), through an epistemological construction of the young-adult literary subsystem. Assuming that aging implies maturing, the act of literary reading enables knowledge and experience in the choices to be made during the youth. We observe aspects such as: intertextuality and reading formation, as well as questions related to the function of reading as the search for the meanings of life and the articulation of the character-reader processes of growth and maturation. This paper aims to provide a discussion of the book regarding its reader protagonism.

KEYWORDS: Young-Adult Literature; *O Fazedor de Velhos*; *bildungsroman*; literary reading.

UM ROMANCE DE FORMAÇÃO

A literatura juvenil contemporânea apresenta representações endereçadas aos jovens leitores em formação, ao revelar concepções acerca

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem (PMEL;UFG/RC). Graduada em Letras/Português (UFG/RC) *Catalão* – GO. Contato: agathacamila2008@gmail.com.

² Doutora em Letras pela Faculdade de Letras – UFG, Professora Associada da Unidade Acadêmica de Letras e Linguística da UFG/Regional *Catalão-GO*. Contato: silvana.carrijo@gmail.com

da leitura literária que se efetiva na juventude. Esse período, por sua vez, é concebido como de construção identitária e vivência com conflitos cotidianos. Há uma crescente valorização de temáticas com esse teor e, diante disso, é imprescindível atentarmos para a performance dos protagonistas das narrativas; no presente trabalho, tal exercício se efetiva pelo exame do personagem da obra *O fazedor de velhos*, de Rodrigo Lacerda (2008). No exame das narrativas juvenis e, em especial, na análise dessa que elegemos como *corpus*, vale considerar também as articulações dos procedimentos estilísticos refletidos na linguagem e na estrutura que compõem as produções. No enfoque do comportamento dos personagens, por sua vez, pretende-se investigar o processo de crescimento e amadurecimento que ocorre na trajetória desses jovens.

Ao ampliar seus horizontes, o leitor se dispõe a uma imensidão de trilhas a serem seguidas. Ao tecer suas próprias ideias formuladas sobre o texto lido, ele também pode autodirecionar-se devido à autonomia criada diante desse processo. Tais questões são atestadas de acordo com Iser (1996) quando afirma que a obra literária procede na convergência do texto com o leitor. Para esse estudioso, por meio desse vínculo, escritores, que visam ao subgênero juvenil, têm procurado fomentar a leitura literária na vida de jovens.

À vista disso, a narrativa juvenil *O fazedor de velhos* (2008) tem-se apresentado como obra exemplificadora do processo de amadurecimento do jovem nesse contexto. O romance ganhou o prêmio Jabuti de melhor narrativa juvenil no ano de 2009, assim como foi vencedor do Programa de Ação Cultural-PMSP, melhor Livro Juvenil da Biblioteca Nacional, Prêmio Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil; finalista do Prêmio Chrono e vencedor do prêmio de Melhor Livro Jovem, concedido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, sendo galardoado também com o prêmio Glória Pondé de Literatura Infantil e Juvenil, da Fundação Biblioteca Nacional. Para além desse êxito crítico, Vera Maria Tietzmann Silva assinala também o sucesso da obra junto ao público leitor, especialmente o juvenil, imerso numa realidade plurimidiática:

Em 2011, já na quinta reimpressão, sua venda ultrapassou a marca de 25.000 exemplares, sem dúvida um número considerável para um país tido como escasso em leitores. Se lembrarmos que hoje em dia o livro precisa competir com a parafernália eletrônica que acompanha os jovens a todos os lugares, essa tiragem torna-se ainda mais surpreendente (2019, p. 191).

A narrativa apresenta a história de Pedro como um protagonista
Miscelânea, Assis, v. 26, p. 189-205, jul.-dez. 2019. ISSN 1984-2899 190

que dispõe de uma rotina de estudos, entretenimentos, vínculos familiares e dilemas sentimentais e profissionais. De família de classe média, mãe professora universitária e pai advogado, ele cresce sob um regime de seções de leituras prescritas pela mãe, exercício que, de início relutante e imposto, torna-se, com o passar dos anos e com o aprendizado vivido pelo personagem, prazeroso e íntimo a ponto de torná-lo um ficcionista, além de determinante para suas novas descobertas quando principia sua juventude.

João Luís Ceccantini, em *Uma estética da formação*: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978-1997), analisa produções das duas últimas décadas do século XX sob uma perspectiva voltada para a temática predominante em tais obras. Dedicando uma parte de seu estudo ao exame das representações de leituras nesse subgênero literário juvenil, o pesquisador afirma:

[...] em geral os autores não caem na armadilha de sua apologia a qualquer preço, havendo referências à literatura bem contextualizadas, associadas à caracterização de personagens frequentemente introspectivas, podendo ser enfatizadas esta ou aquela função da literatura para a personagem ou situação em causa, mas não de maneira artificial. É importante chamar a atenção para o fato de que essa visão positiva da literatura, nesses casos, passa substancialmente pela relação visceral que com ela mantêm alguns protagonistas das obras (2000, p. 387).

A partir da afirmação do autor, observa-se que o fato de os pais de Pedro serem leitores – “visão positiva da literatura” – fomenta o elo com os livros que o garoto desfruta desde a infância, uma circunstância característica que atribui à narrativa conotações favoráveis associadas à leitura. Outro aspecto relevante é que as leituras são feitas exclusivamente em ambientes privados e em espaços fora da sala de aula, além de se efetivarem por meio de livros diversificados, pertencentes tanto ao próprio protagonista quanto ao professor Nabuco, personagem responsável por conduzi-lo pelas sendas da formação leitora na juventude e pela própria formação identitária que dela advém.

Observamos, pois, como Pedro se constitui um leitor crítico e como ocorre o processo de amadurecimento. Percorreremos a narrativa a fim de desvendar essa composição repleta de reflexões acerca da juventude, da vida, do crescimento, das formas de se envelhecer e, sobretudo, da leitura literária. São características de um romance de formação, já que retrata uma fase de transição da infância para a vida adulta, com toda a carga de demandas próprias do processo de adultescer, em suas espécies de ritos de iniciação e passagem. No caso da narrativa de Lacerda, o aprendizado e a

formação vivenciados por Pedro transpõem até mesmo essas duas faixas etárias, compreendendo todo o percurso de vida do indivíduo:

O Fazedor de Velhos vai um pouco além da superação da infância pela prova de coragem que leva à autoestima, e do acesso à vida adulta, pelo exercício do poder e da sexualidade. Pedro, o protagonista, tem de enfrentar os desafios do adolescente urbano e contemporâneo: construir, ou confirmar, uma escala de valores que irá nortear suas ações; encontrar-se numa profissão em que se sinta realizado; completar-se numa união amorosa que lhe proporcione equilíbrio emocional. São metas para toda uma vida (SILVA, 2019, p. 198).

Ao concluir o Ensino Médio, Pedro decide ingressar no curso superior de História, mas, em meio aos seus estudos, o jovem vivencia um dilema comum nessa etapa, qual seja, a indecisão de sua verdadeira vocação – “contrariando as expectativas, o curso me deixou na maior crise. Eu vivia procurando algum tema pelo qual me apaixonasse de corpo e alma” (LACERDA, 2008, p. 41). Conforme abordado por José Nicolau Gregorin Filho, essa é uma questão bastante complexa para os jovens. Não é uma tarefa fácil, por ser a profissão que irá desempenhar pelo resto de sua vida, sem a certeza de que o fará feliz, entretanto, necessitando ser decidida mesmo o jovem apresentando tão pouca idade (GREGORIN, 2011). O pesquisador ainda afirma que a literatura se torna um elemento importante referente às possibilidades que o jovem tem para se conhecer e viver essas novas etapas, mediante o mundo que está ao seu redor. Sendo assim, a presença do protagonista Pedro na obra revela tanto aos potenciais leitores jovens contemporâneos, quanto aos críticos literários e estudiosos, como o texto exerce influência na formação do sujeito concernente ao processo de desenvolvimento social, crítico e psíquico.

As estratégias narrativas que Lacerda utiliza incorporam procedimentos intertextuais constantes – recurso demonstrado através das alusões aos clássicos – e explora interessantes caminhos de leitura. A incorporação da intertextualidade propõe redescobrir as fontes literárias do passado, como uma espécie de memória e enaltecimento da cultura e os grandes autores que ultrapassaram gerações e não deixam de influenciar a produção artística na contemporaneidade. Esse procedimento é apontado por Samoyalt (2008, p. 10), como processo intertextual voltado para a memória que a literatura possui de si mesma, considerado não só como uma retomada da citação ou reescrita, mas também como um retrato do seu desenvolvimento no decorrer dos séculos. Isso ocorre por vias metaficcionalis, fomentando uma reflexão acerca da criação literária e

evidenciando seus atributos, efeitos e funções.

A narrativa retrata a importância atribuída ao texto, ao concebê-lo [Pedro] como leitor de clássicos e, por conseguinte, a importância da literatura na juventude, do conhecimento e da experiência adquiridos através dessas leituras. Examinar o perfil do personagem em relação ao contato com as obras canônicas dá destaque à cultura a qual ele está inserido, sua experiência, memória, reflexão e crítica. Intenta-se, pois, a formação leitora e humana que muitos tencionam desenvolver em sala de aula.

A história narrada em primeira pessoa – relatos do próprio protagonista Pedro – aponta para um contexto de valorização do ato de ler. Expõe os conhecimentos adquiridos e a grandeza literária, ao relacionamento do personagem com a literatura e o modo como ele amadurece em meio às suas experiências, sendo capaz de decidir uma carreira a ser seguida, dentre outras escolhas que a vida requer que sejam tomadas conforme o ser humano envelhece:

Sempre que eu embarcava nas histórias, no fim a sensação era boa. O professor acabava me mostrando alguma coisa que eu não sabia a respeito de mim mesmo. E, ao me estimular o autoconhecimento, marcava o tempo da minha evolução interior. Era estranhamente prazeroso sofrer a magia do fazedor de velhos (LACERDA, 2008, p. 107).

A narrativa, como já dito, possui características de um romance de formação, ao tematizar o processo de desenvolvimento do personagem, pois, os dilemas enfrentados por Pedro, assim como, as pessoas que fazem parte de sua vida, favorecem a sua construção. Tais aspectos são constantemente abordados em estudos voltados para o subgênero nomeado *Bildungsroman* ou romance de formação. A pesquisadora Alice Áurea Penteado Martha (2010, p. 127) compreende tal categoria como o “desabrochar sentimental, da aprendizagem humana dos protagonistas, adolescentes que aprendem ao conhecer a si mesmos e aos outros, penetrando, nestes casos, com muita dor e dificuldade, nos segredos da existência”. São questões vivenciadas pelos jovens e que estão sendo representadas na literatura juvenil, cuja tendência é estimular a compreensão do público-alvo sobre as circunstâncias da vida, o que pode favorecer no processo de formação do receptor. Consoante Cruvinel (2009, p. 24), “Os escritores na contemporaneidade se preocupam em abordar os meandros da vida íntima do jovem, narrando seu amadurecimento pelos embates com os conflitos que vivencia”.

Acerca da caracterização de *O fazedor de velhos* enquanto romance de formação, Márcio Roberto do Prado assinala ainda a formação do protagonista enquanto artista, uma vez que ele se forma também enquanto

escritor:

A palavra “formação” tem importância muito maior em *O fazedor de velhos*. Ao traçar o percurso de Pedro até sua confirmação e realização intelectual, profissional e pessoal, o texto configura-se como um romance de formação que, se quisermos ser mais específicos e destacar a vocação última do personagem como escritor, seria um romance de formação artístico ou, tomando emprestado o título daquele que talvez seja o mais famoso desses romances de formação do artista, um “retrato do artista quando jovem” (2012, p. 184).

Consoante Alice Atsuko Matsuda e Diógenes Buenos Aires de Carvalho (2017, p. 85), a narrativa de Lacerda “além da leitura prazerosa, leva-nos a refletir sobre as nossas escolhas, tanto no âmbito profissional como sentimental, propiciando um diálogo com o texto e com o autor”. Portanto, os acontecimentos no decorrer da narrativa norteiam as descobertas de Pedro sobre sua verdadeira vocação e fazem com que ele entenda como deve proceder com relação às decisões a serem feitas, sempre levando em consideração suas habilidades e o que o faria se sentir realizado:

Era muito claro para ele, e àquela altura eu mesmo já não podia lutar contra a seguinte certeza: ou conseguia ser feliz como um escritor, ou precisaria nascer de novo. Ele havia acertado na mosca. Nenhum outro tipo de realização profissional me interessava mais (LACERDA, 2008, p. 119).

A respeito dos temas relacionados à formação e amadurecimento do jovem, Ceccantini define como sendo *uma estética da formação* a produção concentrada nessas características:

Estética, no sentido de enfatizar a condição de arte a que se alça essa produção voltada aos jovens [...] formação [...] remete para a temática de que se ocupa a maior parte das obras, no caso, a busca da identidade e o processo de amadurecimento do jovem, do ponto de vista físico, intelectual, emocional, ético, entre outros aspectos, sendo essa temática reiterada nas narrativas, tanto numa posição central quanto periférica (2000, p. 135-136).

Partindo dessas noções de formação e aprendizado ao observar a trajetória do protagonista Pedro, podemos nos reportar às considerações de *Miscelânea*, Assis, v. 26, p. 189-205, jul.-dez. 2019. ISSN 1984-2899 194

Antonio Candido sobre a esfericidade das personagens da narrativa: “A prova de uma personagem esférica é a sua capacidade de nos surpreender de maneira convincente [...] Ela traz em si a imprevisibilidade da vida, — traz a vida dentro das páginas de um livro” (1964, p. 48). Pedro, personagem esférico, constitui-se como ser em formação a partir da leitura de literatura, formando-se como leitor e como indivíduo, em seus múltiplos textos, vivências, teias e tramas.

DA LEITURA COMO TESSITURA DO SER

A afeição pela leitura do protagonista é um fato digno de nota, se levarmos em consideração que, logo no início da narrativa, o narrador expõe de que forma se iniciaram suas experiências literárias: “Eu não lembro direito quando meu pai e minha mãe começaram a me enfiar livros garganta abaixo. Mas foi cedo” (LACERDA, 2008, p. 7). Devido a sua relação com a literatura desde muito cedo é que podemos observar que Pedro possui uma ligação intensa com a leitura, de modo que os livros o acompanham em diversos momentos da vida, fazendo parte do crescimento pessoal do jovem. Há, portanto, uma relação afetiva com a literatura, desperta por meio das emoções que as personagens suscitaram em Pedro, tal como toda personagem exerce sobre todo leitor, processo magistralmente elucidado por Vincent Jouve:

O charme da leitura provém em grande parte das emoções que ela suscita. Se a recepção do texto recorre as capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente – talvez, sobretudo – sobre sua efetividade. As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção. É por que elas provocam em nós admiração, piedade, riso ou simpatia que as personagens romanescas despertam o nosso interesse (2002, p. 19).

A narrativa de Rodrigo Lacerda evidencia um procedimento de mediação por parte da família de Pedro, o que constantemente se é questionado no âmbito educacional em relação à leitura. Um estímulo proporcionado pelos pais, professores e demais pessoas que fazem parte da vida da criança pode manifestar nela uma paixão ou mesmo curiosidade em buscar novos cenários para a vida no texto literário? *O Fazedor de Velhos* (2008) constitui uma resposta positiva a tal indagação.

No cerne da diegese narrativa de Lacerda, dois outros personagens relevantes se destacam: o fazedor de velhos – o professor aposentado Nabuco

– é um personagem de caráter complexo que intensifica a relação do jovem com a leitura de maneira a levá-lo a alcançar novos horizontes distintos daqueles a que ele estava acostumado. Nabuco demonstra ao rapaz as possibilidades de crescimento e amadurecimento que a literatura proporciona: “Os livros e o fazedor de velhos têm tudo a ver. Foi graças a um livro que ele falou comigo pela primeira vez (LACERDA, 2008, p.17).

O processo de amadurecimento associado ao “envelhecer” é explanado de modo intrigante logo no início da narrativa, quando o garoto é barrado no aeroporto, na intenção de embarcar com sua autorização para menores de idade vencida. Ao ser impedido de fazer a viagem de férias, Pedro volta para casa, mas seus pais não estão, pois, saíram para almoçar fora. Sendo assim, ele tem a ideia de forjar uma aparência mais velha, com roupa social, óculos e o “tíjolão shakespeariano” debaixo do braço:

Apresentei a passagem como se nada estivesse acontecendo. E tasquei no balcão o calhamaço de trocentas páginas, em inglês de quinhentos anos atrás. Ela, discretamente, olhou o livro, e eu percebi que tinha causado impacto. Fiz um gesto acertando os óculos no rosto, como as pessoas que usam óculos costumam fazer. Olhei em volta pelo saguão, afetando a maior tranquilidade.

Cada segundo demorou um século, até eu ouvir a voz da mulher: – Corredor ou janela, senhor? (LACERDA, 2008, p. 22).

Ao aguardar o embarque, um velho o observa, nota sua surpreendente atuação e diz ficar admirado com tamanha criatividade: “o toque de mestre foi o livro. Foi o livro que te envelheceu”. O velho misterioso o questiona: “E o que você acha disso? – De ficar mais velho por causa de um livro?” (LACERDA, 2008, p. 25). Essa pergunta deixou o jovem instigado, como ele mesmo descreve. Ambos se despedem e seguem suas vidas sem sequer imaginar que anos depois se reencontrariam.

Na formatura do ensino médio, Pedro se decepciona com Ana Paula de braços dados com outro rapaz, fato que encerra um amor platônico de modo doloroso, que lhe causa desejo de sumir daquela festa de formatura tediosa e humilhante, mas a noite ainda iria reservar-lhe outra surpresa. O palestrante da noite era exatamente o velho do aeroporto e as surpresas não param por aí, pois, as suas poucas palavras, de modo conciso, afetaram Pedro: “Aquele discurso tinha lavado a minha alma” (LACERDA, 2008, p. 39). Nabuco retratou em sua fala o fato de um jovem ter envelhecido por causa de um livro, associando esse fato ao processo de transição que aqueles alunos estavam vivendo, mas que só mediante o discurso que o professor

apresentava, começaram a se dar conta:

Alguns momentos, algumas coisas, ou pessoas, cheiros, visões, objetos e lembranças, nos põem em contato com o passar do tempo. Tudo o que nos emociona, tudo o que nos toca fundo, é o tempo chegando e indo embora. Se eu pudesse dar um conselho a vocês, eu diria: não queiram nunca ser eternamente jovens; gostar de viver é gostar de sentir, e gostar de sentir é necessariamente, gostar de envelhecer (LACERDA, 2008, p.38).

O clímax dessa relação com o velho Nabuco ocorrerá mais adiante, quando o professor de História, Azevedo, do cursinho pré-vestibular que Pedro frequentou, direciona-o para um antigo professor que poderia ajudá-lo a descobrir sua verdadeira vocação. Ao procurar a ajuda de Nabuco, a maior experiência literária do jovem está prestes a acontecer. Para que Pedro consiga discernir sua vocação, o velho vai desafiar-lo a descobrir, nos submundos dos textos, significados existentes que estão além de uma interpretação superficial.

A segunda personagem de destaque na narrativa é Mayumi, não menos importante, devido à sua influência sobre o protagonista Pedro. Ao conhecer o velho Nabuco, logo conhece também sua afilhada, que cativa o jovem em meio às suas paixões em comum, que é a leitura. A relação entre os dois se torna intensa assim como fundamental para as descobertas que Pedro fará para a vida, sendo uma delas, o amor. Nabuco caracteriza muito bem Pedro afirmando; “– A emoção, Pedro, é a única coisa que você deseja transmitir” (LACERDA, 2008, p. 116). Mayumi fazia um intercâmbio na França, que terminaria em dois anos, e devido a isso, o sentimento que existia entre os dois deveria ser capaz de superar o tempo de espera.

A obra que o personagem lê é o clássico *O rei Lear*, de Shakespeare, o que podemos considerar como uma referência deliberada no processo autoral que aciona todo um contexto histórico e cultural da literatura. Trata-se de uma das obras mais conhecidas, citadas e investigadas, assim como de um dos maiores autores da dramaturgia universal que inspirou e inspira leitores e escritores até hoje, atravessando gerações e caracterizando-se como um clássico, na acepção de Calvino:

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes) (1993, p. 11).

O intuito em descobrir a palavra-chave da peça, proposto por Nabuco, não só incentiva o jovem para um novo desafio, como também fomenta em Pedro a construção de um perfil de leitor crítico que a escrita rebuscada da obra demanda. Aceitando a proposta de pesquisa, o rapaz mergulha na análise da peça: “Escarafunchei o texto, tentando absorver o sentido geral do dramalhão” (LACERDA, 2008 p.56). O processo interacional entre Pedro e a obra compreende os efeitos do texto sobre o leitor e, por conseguinte, ocorre o crescimento do indivíduo que possibilita a compreensão de si mesmo.

Conforme Iser (1996) aborda, o efeito estético permite um diálogo ao inferir uma comunicação, pois, sendo estético, o efeito propõe um trabalho imaginativo e perceptivo. Iser (1996) exemplifica tais procedimentos afirmando que a obra possui dois polos sendo eles, o artístico (que determina a produção do autor) e o estético (a concretização criada pelo leitor), o que entra em perfeita consonância com o pensamento de Compagnon:

A literatura tem, pois, uma existência dupla e heterogênea. Ela existe independentemente da leitura, nos textos e nas bibliotecas, potencial, por assim dizer, mas ela se concretiza somente pela leitura. O objeto literário autêntico é a própria interação do texto com o leitor (1999, p. 149).

A interação texto e leitor é crucial para um eficaz processo, assim como primordial para que a literatura se concretize, o que nos direciona para a realização do texto a partir da constituição de uma consciência receptora apontada para a obra literária. Tais procedimentos exemplificam a relação do personagem leitor com o texto lido, acabam por constituir um perfil subjetivo de leitor, como um leitor autêntico, para quem “a leitura não é apenas uma prática, mas uma forma de vida” (PIGLIA, 2006, p. 21). Esse perfil é bem delineado por Nabuco em relação a Pedro: “– Quando você pega um livro para ler – disse ele –, sua postura não é a de um cientista [...] você já vai para a leitura com a predisposição de aceitar tudo. Você procura sempre o que é comum a você” (LACERDA, 2008, p. 104).

Na narrativa em pauta, destacam-se, para além da originalidade do texto e da ilustração, alguns aspectos relacionados à apologia à leitura que a trama narrativa tematiza. Devido à ligação direta do protagonista com a literatura, há um convite à imaginação que se efetiva por meio da leitura literária, processo evidenciado nos momentos de reflexão proporcionados principalmente pelo experiente professor Nabuco.

Além disso, há toda uma adequação da linguagem a um potencial público juvenil, o que favorece a identificação leitor/personagem. Uma

literatura direcionada para um público jovem requer traços singulares, e isso é demonstrado não só no tema relacionado aos dilemas próprios da juventude, mas também na tessitura do texto verbal. A linguagem coloquial, por vezes debochada, é constantemente expressa nas indagações do personagem – “O que ele queria que eu fizesse? Chamasse-o de ‘mano’, ‘véio’, ‘bróder’?” (LACERDA, 2008, p.49) –, condições essas que acabam por aproximar o leitor da obra de Lacerda ao protagonista Pedro. Percebe-se também toda uma dicção apta a atrair/aderir o interlocutor ao texto – “Eu morria de inveja. Primeiro porque, quando a gente é jovem, sempre quer crescer mais rápido. E também porque era um inferno conseguir aquelas benditas autorizações” (LACERDA, 2008, p. 17).

Há também um uso contínuo de neologismos, criações lexicais inventivas tão ao gosto do universo juvenil. De acordo com Coelho (2000), devido ao valor que nossa época dá à linguagem como sendo fundamental para a formação da criança e dos jovens, essa nova literatura tem supervalorizado o ato de narrar como o ato de criar através da palavra. Sendo assim, esse processo de manipulação da palavra, manuseando-a, brincando, ao mesmo tempo que se apropria dos seus significados, torna-se imprescindível também para um reconhecimento da literatura processo vivo e contínuo de criação verbal.

Na organização da trama existem elementos expressivos que inserem diversas figuras, vícios e funções de linguagem, em conformidade com a oralidade. O tom irônico, ao mesmo tempo paradoxal, predomina nos pensamentos de Pedro: “O professor nem hesitou em me explicar, com a delicadeza de um rinoceronte” (LACERDA, 2008, p. 51). Mesmo sendo ele um leitor desde criança, o seu processo de leitura de Shakespeare deixa claro sua dificuldade e, além de tudo, a sua “preguiça mental crônica”. Em uma linguagem metafórica, o jovem leitor Pedro sempre expressa seus dilemas por comparações dramáticas, exageradas e melancólicas:

Era como se, por dias seguidos, eu fosse empurrado num matagal de palavras estranhas, empurrado contra imagens incompreensíveis [...] uma bela tarde, quando já estava de saco na Lua de tanto brigar com as palavras, resolvi distrair a cabeça indo a locadora pegar um filme [...] na prateleira, bem na minha frente, pulou um Rei Lear em DVD (LACERDA, 2008, p. 54).

Em outro momento, Pedro é surpreendido com outra tarefa tão complexa quanto a primeira. A nova pesquisa se refere à Natureza humana: “Em que sentido? Em que época? – Em todos, meu caro, em todas” (LACERDA, 2008 p. 57). Demonstrando lealdade aos exercícios propostos

por Nabuco, o jovem decide por associar a nova pesquisa solicitada à obra de Shakespeare, dentre as outras leituras que já fazia desde a infância, como o Eça de Queiroz. A esse ponto do enredo, Pedro não só se compromete a entender a perspectiva de Shakespeare, como também a se posicionar subjetivamente: “Comecei a me divertir. Os personagens eram muito reais. Aos poucos, estabeleci relações próprias com cada um deles ” (LACERDA, 2008, p. 62).

Candido (2011) reitera de modo formidável que o papel da literatura nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o próximo, destacando assim, a função humanizadora que a literatura desempenha. Esse fator não só contribui para o processo de crescimento do ser humano, como também para a compreensão do outro que leva, conseqüentemente, à compreensão de si mesmo. O pensamento crítico proporcionado faz com que o leitor procure nela o sentido da vida, indo contra os céticos que afirmam estar a literatura em perigo, encastelada em si mesma, fadada ao desaparecimento nessa realidade tecnológica e multimidiática.

No decorrer da narrativa, as descobertas históricas e culturais levam o protagonista a entender o sentido do texto e a viver esse sentido. Para lidar com os dilemas da vida como escolhas, desafios, dificuldades, Pedro emula os sentidos encontrados no texto para transformar sua visão sobre si mesmo: “Estudar aquele personagem me fez lembrar tanto da minha infância!” (LACERDA, 2008, p. 63). Com o objetivo de investigar nos personagens a maneira de pensar, sentir, agir, de acordo com a cultura, o jovem identifica em cada um, características semelhantes e distintas às/das que ele mesmo possui, como ideologia, sentimento e ponto de vista:

Fui trabalhando; uma, duas, três semanas. Comecei a me divertir. Os personagens eram muito reais. Aos poucos, estabeleci relações próprias com cada um deles. Recriminava os bonzinhos quando erravam, quando eram ingênuos, quando tomavam todo mundo pela própria bondade e, claro, acabavam se ferrando. Compreendia os motivos que levavam os malvados a cometer suas maldades. Alguns eram verdadeiros abismos de emoção (LACERDA, 2008, p.62).

Quando terminei de fazer o seu perfil, fui fisgado por uma sensação desagradável. Estava ao mesmo tempo horrorizado pelas crueldades do Edmund, e extremamente atraído por sua filosofia de vida. Condenava cada um dos seus atos, mas me identificava com a sua ideologia, com todos os seus motivos essenciais. Embora fosse praticamente um monstro humano,

alguma coisa nele era um reflexo de mim (LACERDA, 2008, p. 63).

José Maria Eça de Queiroz foi um dos mais importantes escritores portugueses e Pedro afirma ser o autor predileto de seu pai, um advogado bem-sucedido. O jovem ainda demonstra curiosidade ao dizer que não sabe como seu pai encontrava tempo para ler tantos livros, já que sempre o via com um livro em mãos, especialmente as obras do Eça. O protagonista resume *Os Maias*, destacando a relação entre dois personagens, Carlos Eduardo e João da Ega. Ele chama atenção, no entanto, para o modo distinto como o clássico inglês repercute em sua recepção leitora:

[...] à medida que fui conhecendo seus livros, foi virando a minha filosofia de vida [...] (LACERDA, 2008, p. 15).

[...] nem o bom I-Juca, nem o bom Eça, ninguém me deu, como o Shakespeare, tamanho soco de humanidade, com tantos vícios, virtudes e sentimentos (LACERDA, 2008, p. 57).

Entender a relevância literária e cultural de Shakespeare é uma atitude crucial para se compreender a performance literária e a formação leitora e humana de Pedro. Diante disso, nota-se que existe uma intenção no recurso utilizado pelo autor ao se referir a um clássico como esse, que nos leva a acreditar que o personagem não é comum, e sim, experiente e crítico. Pedro analisa os aspectos relevantes para uma pesquisa relacionada à natureza humana, com isso, há uma necessidade de conhecimento cultural e histórico, pois o texto shakespeariano remete a uma época distante do período vivido por ele. Destaca-se, portanto, o papel fundamental dos contextos históricos tratados nas narrativas que direcionam ao conhecimento de contextos predecessores, para que, tanto o personagem Pedro, quanto o leitor da narrativa possam compreender o momento atual e suas identidades sociais. Lembrando que antes mesmo da leitura de *O Rei Lear*, Pedro assiste a um filme sobre o livro, o que auxilia na sua compreensão.

A relação entre o protagonista e as obras lidas reflete um modo exemplificador de se ler literatura. Rildo Cosson (2011) se refere a esse modo envolvendo elementos que dialogam entre si, entre eles, a leitura do contexto-leitor, isto é, uma relação com a história de vida do leitor, priorizando a ligação entre o texto e a experiência. Considera-se a narrativa de Lacerda um instrumento exemplificador da função da literatura no processo de construção de sentidos. A performance de Pedro ressalta a importância da formação de leitores na contemporaneidade, assim como a riqueza de produções direcionadas aos jovens em busca da valorização do subgênero literatura

juvenil e a leitura literária.

Há textos que fazem parte dos conjuntos valorizados pelos historiadores críticos ao longo do tempo e seguem para os livros didáticos, cuja leitura e domínio caracterizam o “bom leitor”. É importante considerar o interesse do grupo alvo, em relação à sua prática cotidiana de letramento, mas também lhes oferecer o contato com obras clássicas, referências imprescindíveis no repertório lítero-cultural de todos os tempos. Retomar as obras pretéritas em narrativas contemporâneas faz dessas obras do presente práticas de escrita literária estratégias colaborativas no sentido de se formar bons e críticos leitores.

É importante ressaltar que em *O Fazedor de Velhos* (2008) ocorre também uma conotação positiva a obras contemporâneas não canônicas. Essa referência é apresentada de modo tão sensível na experiência de Pedro, que tende a influenciar o leitor a entender que não é somente o texto em si que produz um efeito substancial para a vida, mas a perspectiva individual que temos sobre a obra lida. Como já dito anteriormente, Mayumi, a namorada de Pedro, também é uma leitora, porém não possui o mesmo gosto pelos livros que o jovem lê: “Outro gosto que eu e Mayumi tínhamos em comum: literatura. Tudo bem que ela não era de ler os clássicos, meus preferidos, e se interessava mais por escritores novos” (LACERDA, 2008, p. 79). Diante do fato de sua namorada não se interessar pelos autores clássicos, Pedro se permite conhecer o autor e a obra que ela admira – o chamado Raymond Carver - e, como é de praxe do jovem, ele se dispõe também a essa leitura, mas sempre de modo bastante crítico: “Li o poema do cara [...] Tudo absolutamente possível, nada de imaginação solta, de efeitos estilísticos marcantes” (LACERDA, 2008, p. 81-82).

Uma das formas de imiscuir o aluno no texto é levá-lo a conhecer a a vida do autor – estratégia bastante utilizada por diversos professores no momento de leitura literária em sala de aula. Esse método de letramento literário é apresentado na narrativa de Lacerda, pela forma como Pedro se dispõe a compreender o texto de Carver. A história de vida do autor admirado por sua namorada chama a atenção do jovem, convencendo-o de que aquele escrito possui um caráter formativo e interessante tanto para ele, quanto para Mayumi. Investigando a biografia de Carver, Pedro descobre que o autor havia falecido por causa de um câncer e que lhe restaram poucos momentos de felicidade ao final da vida. Assim, o protagonista compreende o sentimento melancólico que emanavam dos contos e poemas do autor:

Saber disso me explicou todo aquele sentimento de melancolia que vinha nos contos e nos poemas, daqueles incidentes tão rotineiros. Melancolia sim, e nostalgia também. Só que não a nostalgia do passado vivido, um tempo doloroso demais para se

querer de volta, mas uma nostalgia de um passado não vivido, desperdiçado pelo vício. E uma outra nostalgia, a do futuro interdito pela doença. Por um lado e por outro, um sentimento de desperdício da vida de perda irrecuperável... (LACERDA, 2008, p. 82).

A visão crítica e sensível de Pedro deixa entrever a importância que se deve dar às diversas formas de se expressar através de um texto. Enxergar a vida pela perspectiva do outro pode nos levar a ser mais humanos e valorizar a história e os ensinamentos que cada um pode nos proporcionar. Ao ler os contos e poemas de Raymond Carver, Pedro conclui mais uma parte de seu desafio de conhecer um pouco mais sobre a natureza humana. Ele percebe as diversas maneiras de se viver nesse mundo e, mais ainda, de vivenciar cada emoção e sentimentos que caracterizam a natureza humana – tarefa prescrita por Nabuco. A partir disso, se vê mais sensível diante das circunstâncias vividas e começa a expressar também seus sentimentos ao se declarar para Mayumi e se permitir ser feliz enquanto há tempo. Diante disso, ocorre mais um processo de crescimento e amadurecimento através de uma experiência extraordinária de leitura.

CRESÇO, LEIO, ENVELHEÇO...

Refletir sobre o processo de envelhecimento diante da vida momentânea é uma forma não só de enaltecer a leitura literária para a formação do ser humano, como também fomentar esse exercício nas diversas fases da vida. Diante disso, presumimos que o subgênero literário juvenil, mediante a representação literária retratada através de um protagonista leitor, tende a exercer papel de influência no processo de crescimento. Uma das funções formadoras de textos com esse teor diz respeito ao posicionamento crítico estimulado a partir da atividade leitora do personagem que possui um perfil analítico e subjetivo. A leitura literária, nesse caso, propicia uma construção de novas ideias e descobertas do mundo por meio desse universo de pensamentos e sentimentos que estão prontos a serem explorados.

Ocorre, portanto, um diálogo que faz abrir a mente dando opções de compreensão e liberdade à imaginação. Os sentidos se revelam a partir do momento em que o texto se torna compreendido manifestando sua ideia através da relação com o leitor. Ocorre um desdobramento de sentidos e significados decorrentes de nossos dilemas, emoções, frustrações, medos e, conforme vamos transpondo cada etapa na vida, vamos crescendo, amadurecendo, e assim, envelhecendo, pois: “Quem aceita frustração, espera, quem espera, pensa. Quem pensa, sente. Quem sente, vive o tempo, e sabe

que ele está passando. Portanto, fica mais velho” (LACERDA, 2008, p. 97). Destarte, a obra de Rodrigo Lacerda assevera a importância da leitura literária na formação do jovem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO. Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1964.

_____. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades. 3. ed., p. 169-191, 1988.

CECCANTINI, João Luís C. T. *Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978-1997)*. Assis: Unesp, 2000. Tese de doutorado.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

COSSON, Rildo. Literatura: modos de ler na escola. In: Anais da XI Semana de Letras. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. Disponível em: <<http://editora.pucrs.br/anais/XISemanaDeLetras/pdf/rildocosson.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

_____. Letramento literário: educação para vida. *Vida e Educação*, Fortaleza, v. 10, p. 14-16, 2006.

CRUVINEL, Larissa Warzocha Fernandes. *Narrativas juvenis brasileiras: Em busca da especificidade do gênero*. Goiânia: Universidade federal de Goiás, 2009. Tese de doutorado.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

ISER, Wolfgang. *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, v. 1.

JOUVE, Vincent. *A leitura*. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Unesp, 2002.

MARTHA, Alice Aurea Penteadó. No olho do furacão: situações limite na narrativa juvenil. In: AGUIAR, Vera Teixeira; CECCANTINI, João Luis; MARTHA, Alice Aurea Penteadó. *Heróis contra a parede: Estudos de literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010.

MATSUDA, Alice Atsuko; CARVALHO, Diogenes Buenos Aires. Formar leitor, como fazer? Rodrigo Lacerda, em *O fazedor de velhos*, dá-nos a pista... In: SILVA, Maurício; NAVAS, Diana; FERREIRA, Eliane Ap. Galvão Ribeiro. *Produção Literária Juvenil e Infantil Contemporânea: reflexões acerca da pós-modernidade*. São Paulo: BT Acadêmica, 2017, p. 85-101.

PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. Trad. Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PRADO, Márcio Roberto. Na fábrica da eternidade: Formação e tempo. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís. MARTHA, Alice Áurea Penteadó. *Narrativas juvenis: geração 2000*. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica Assis, SP: ANEP, 2012, p. 184-203.

SAMOYALT, Tiphaine. *A Intertextualidade*. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Hucitec, 2008.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. Teias e tramas em secretas conexões (Uma leitura de *O fazedor de velhos*). In: CRUVINEL, Larissa Warzocha Fernandes; RIBEIRO, Renata Rocha (Orgs.). *Narrativa juvenil contemporânea*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2019, p. 191-210.

Data de recebimento: 15 jun. 2019

Data de aprovação: 10 set. 2019